

**PROFISSÃO DOCENTE: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DO SER PROFESSOR**

Patrícia Irene dos Santos/ PPGE- UFPE
Laêda Bezerra Machado/ PPGE- UFPE

RESUMO

Este artigo é um recorte de nossa dissertação cujo objetivo foi analisar as representações sociais do 'ser docente' entre os professores e suas implicações para o exercício da profissão. O referencial adotado foi a Teoria das Representações Sociais tal como proposta por Moscovici (1978; 2003) e complementada por Jodelet (2001). Participaram do estudo vinte professoras efetivas que atuam na rede municipal de Jaboatão dos Guararapes-PE, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Utilizamos como procedimentos de coleta a entrevista semi-estruturada e narrativas. A análise de conteúdo de Bardin orientou a interpretação dos dados. Os resultados apontam que o sentido atribuído pelas professoras ao exercício e à própria profissão é complexo e permeado por diferentes elementos de suas subjetividades, reações e expectativas dos outros para com o seu trabalho. O apelo à vocação marca as representações sociais do ser professor, além desse elemento, outros relacionados aos desafios da docência, como falta de reconhecimento por parte da sociedade, enfrentamento de várias jornadas de trabalho e baixos salários, ganharam destaque na representação social da profissão.

Palavras-chave: Representações Sociais - Profissão - Professor

Introdução

Na atualidade as discussões em torno da profissionalização apontam a natureza complexa da profissão docente e necessidade de compreendê-la em suas múltiplas características, a partir da análise da atividade concreta dos professores em seus contextos de trabalho, no cotidiano escolar. Este artigo insere-se nesse conjunto de preocupações ao analisar as representações sociais da profissão docente.

A preocupação com a formação de professores e toda complexidade que envolve a profissão docente vem sendo objeto de inúmeros estudos nos últimos anos: Nóvoa (1995); Popkewitz (1995); Basso (1997); Sacristán (1999), entre outros. Tais estudos buscam, por diferentes caminhos, ressignificar o trabalho do professor com objetivo de proporcionar uma formação que os prepare para o enfrentamento dos desafios postos à escola na contemporaneidade. Esses desafios foram sendo percebidos

a partir de nossos processos formadores na área de educação (Curso Normal Médio e Pedagogia), experiência profissional e convivência diária, em especial com os professores dos anos iniciais, onde pudemos observar preocupações, contradições, ambigüidades e até mesmo preconceitos no tocante ao exercício da profissão.

Percebemos que alguns desses professores se diziam apaixonados pela carreira docente, mostrando identificação com a profissão e mesmo reconhecendo as adversidades e condições precárias: institucionais, físicas, organizacionais revelavam não se imaginar desenvolvendo outra atividade. Outros, por sua vez, chegavam a demonstrar certa insatisfação, estagnação e desalento, justificando que essa postura pessimista frente à profissão devia-se a vários fatores como: desânimo, desvalorização, falta de estímulo, perspectivas, sobretudo por conta dos baixos salários e precárias condições de trabalho. Nessas ocasiões percebíamos que sentimentos como desencanto e desvalorização profissional permeavam os discursos desses professores constantemente. Diante dessas considerações, indagamos: que representações os professores constroem da própria profissão? De que maneira essas representações vem orientando suas práticas?

Neste artigo analisamos as representações sociais do 'ser docente' entre professores e suas implicações para o exercício da profissão. Procuramos saber como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município do Jaboatão dos Guararapes-PE representam a profissão docente no atual contexto histórico.

A Profissão Professor

Os termos profissão, profissionalismo e profissionalização por serem polissêmicos são alvos de ambigüidades, daí a necessidade de refletirmos sobre os mesmos a fim de melhor orientar nossa análise. Sobre o conceito de profissão, alguns autores destacam que a sua utilização não é fixa ou universal, independente do tempo e do lugar, ao contrário, “profissão é uma palavra de construção social, cujo conceito muda em função das contradições sociais em que as pessoas a utilizam” (POPWEKITZ, 1995, p. 38). Também não é neutro, “mas produto de um determinado conteúdo ideológico e contextual”, em termos gerais, “o profissionalismo na docência implica uma referência à organização do trabalho dentro do sistema educativo e à dinâmica externa do mercado de trabalho” (IMBERNÓN, 2001, p.25-26). Compreendemos que a busca pelo profissionalismo envolve características e capacidades específicas da

profissão, considerando toda complexa variedade de saberes a que um profissional deve se submeter para desempenhar bem o seu trabalho com dignidade, justiça e responsabilidade. O profissionalismo seria “o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN, 1999, p.65).

Por sua vez, o movimento de profissionalização consiste num processo bem mais complexo de mudança social, não se restringindo apenas a formação profissional, mas ações que envolvem alternativas que garantam melhores condições objetivas de trabalho e de atuação e respeitem as práticas pedagógicas construídas ao longo da experiência profissional. O fato é que a profissionalização não pode ser concebida como “sinônimo de capacitação, qualificação, conhecimento, formação, mas expressão de uma posição social e ocupacional, da inserção em um tipo determinado de relações sociais de produção e de processo de trabalho” (ENGUITA, 1991, p. 41).

A profissionalização não se resume a formação profissional, mas envolve alternativas que garantam melhores condições objetivas de trabalho e de atuação e respeitem as práticas pedagógicas construídas ao longo da experiência profissional. A profissionalização percorre outros caminhos que não são garantidos somente pela formação inicial (HYPOLITO, 1999).

Diante de toda essa complexidade, refletimos sobre como em diferentes épocas, o professor foi assumindo papéis diferenciados e “se consolidaram como profissão num tempo que pertence definitivamente ao passado e que, portanto, se encontram agora numa encruzilhada de opções” (NÓVOA, 1999, p. 11). A respeito dos significados e sentidos do trabalho docente, Basso (1997) propõe uma articulação dialética entre as condições subjetivas (interesse, vocação, amor) e as condições objetivas (troca de experiências, jornada de trabalho, salário). Tal articulação apresenta-se como um caminho para a compreensão do trabalho docente, permitindo o delineamento de possíveis intervenções visando à reformulação da prática do professor e de sua formação. Nessa perspectiva, o trabalho do professor, não se reduz à soma das partes, mas sim em suas relações essenciais, em seus elementos articulados, responsáveis pela sua natureza, sua produção e seu desenvolvimento. A análise do trabalho docente, assim compreendido, pressupõe o exame das relações entre

as condições subjetivas - formação do professor - e as condições objetivas, entendidas como as condições efetivas de trabalho, englobando desde a organização da prática - participação no

planejamento escolar, preparação de aula etc. - até a remuneração do professor (BASSO, 1997, p. 20).

Os estudos aqui apresentados ajudam a compreender a gama de olhares que recaem sobre a profissão professor, além da abordagem multidisciplinar e transversal utilizada para tratar da complexidade do fenômeno estudado, articulando os diversos conceitos tratados tanto numa perspectiva de ordem psicológica quanto sociológica. Nessa perspectiva este artigo analisa as representações sociais de professores sobre a profissão, ou seja, nos propomos a compreender como se dá o processo de construção das representações do ser professor, como elas se constituem, seus estruturantes e os elementos constituintes desse processo.

A Teoria das Representações Sociais

O aporte escolhido foi a Teoria das Representações Sociais - TRS, tal como proposta por Moscovici (1978; 2003) e complementada por Jodelet (2001). Devido a sua especificidade nos estudos de fenômenos sociais que circulam e orientam as ações dos grupos, constitui-se como pertinente para compreender os sentidos atribuídos pelos professores ao ser docente, especialmente pelo seu viés psicossociológico, que propõe tornar passível de melhor compreensão os fenômenos sociais.

Segundo Moscovici (2003), na sociedade contemporânea coexistem duas classes distintas de universos de pensamentos: os consensuais e os reificados. Nos últimos, circulam os conhecimentos que são produzidos pelas ciências e o pensamento erudito. Os universos consensuais, por sua vez, derivam de uma elaboração dos universos reificados e tendem a capacitar os sujeitos a apresentarem seu estoque de 'teorias' para a compreensão e/ou resolução dos problemas encontrados. Nesses universos encontram-se as teorias do senso comum. Ambos os universos atuam simultaneamente para moldar a nossa realidade. Essas representações são elaboradas no âmbito dos fenômenos comunicacionais que refletem as mudanças e interações sociais, condições determinantes na sua formação.

Podemos dizer que o processo representacional relaciona três níveis: (1) cognitivo que corresponde ao acesso desigual dos interesses, informações ou implicação dos sujeitos e a necessidade de agir em relação aos outros; (2) formação das representações sociais referindo-se aos fenômenos de objetivação e ancoragem; e (3)

edificação das condutas, que são as atitudes, estereótipos e opiniões. É neste sentido que o aspecto processual da representação social modela o mundo ou torna familiar àquilo que é estranho ou distante, compatibilizando diversas possibilidades lingüísticas e intelectuais e possibilitando a constituição de uma lógica para a organização da vida cotidiana. A representação social nos guia de maneira a definir os diferentes aspectos da realidade de todos os dias, de maneira a interpretar, interferir sobre eles e, se for o caso, tomar uma posição a seu respeito e defendê-los.

Dessa forma, como uma teoria ou ciência coletiva destinada a interpretação do real, ela vai mais além do que é imediatamente dado na ciência ou na filosofia, da classificação de fatos e eventos, portanto, “representar uma coisa (...) não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto. (...) As representações são obra nossa, que têm um começo e terão um fim; sua existência no exterior ostenta a marca de uma passagem pelo interior do psiquismo individual e social” (MOSCOVICI, 1978, p. 58). No processo de interação social, o sujeito elabora o conhecimento, socializa-o, reconstrói valores e idéias que circulam na sociedade, ou seja, são pressupostos da teoria: a indissociabilidade sujeito/objeto e a valorização do senso comum. Sendo assim, “toda representação é de alguém tanto quanto de alguma coisa. É uma forma de conhecimento por meio da qual aquele que conhece se substitui no que é conhecido” (MOSCOVICI, 1978, p. 11).

Para Jodelet (2001) trata-se de “uma forma de conhecimento socialmente elaborada, com um objetivo prático e que, portanto, contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Segundo a autora, para a construção das representações sociais concorrem “elementos afetivos, mentais e sociais e integrando - ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação - a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir” (JODELET, 2001, p. 26).

Para compreender o fenômeno das representações sociais, é necessário situar seus processos formadores, que Moscovici caracterizou como **objetivação** (colocar para fora a subjetividade, concretizar as idéias) e **ancoragem** (dar sentido a algo concreto, integrá-lo cognitivamente, classificá-lo, nomeá-lo), que compreendem a articulação entre atividade cognitiva e as condições sociais em que são forjadas as representações.

Se, como vimos uma profissão institui-se na vida social, então é pertinente por tudo que já afirmamos antes, identificar e analisar as representações socialmente constituídas do “ser professor”. Isso porque o poder das profissões enraíza-se em alguma organização do trabalho, com seus grupos e subgrupos, não paira em algum vazio social. Ela é reconhecida por seus membros, mas, particularmente, pelos demais atores sociais em certo momento histórico.

Metodologia

Adotamos a abordagem qualitativa uma vez que “se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados” (MINAYO, 2000, p. 24). A abordagem qualitativa se coaduna com nossas preocupações, por compreendermos que as representações sociais não são apenas conhecimentos cristalizados por meio da conduta dos indivíduos, mas alimentadas, veiculadas e renovadas através do diálogo dos sujeitos com seus pares sobre determinados fenômenos sociais de comum interesse, que fazem parte de seus contextos, revelados através de suas falas (FREITAS, 2005, p. 72-73).

Optamos pelo uso de entrevistas semi-estruturadas com questões abertas, pois conforme Paredes (2005)

a entrevista vai para muito além da oportunidade de recolher idéias, opiniões, depoimentos e testemunhos, um contrito e devotado mergulho no outro. É no nó do enlace com que o pesquisador se encanta e se entremete, pela via do discurso, nas circunstâncias da vida cifrada nos códigos de percepção, no mapa do indiciário da memória e da afetividade dos depoentes (p. 132)

Retomando a idéia de Moscovici, citado por Spink (1995, p. 99), “a conversação está no epicentro do nosso universo consensual, uma vez que ela molda e anima as representações sociais dando-lhes vida própria”.

Em nossa pesquisa optamos também pelo desenvolvimento de um texto narrativo, através da assertiva: “*ser professor hoje é*”, pois acreditamos que através da narrativa e do seu processo de constituição da profissão docente, as professoras com maior espontaneidade, nos possibilitariam compreender e ampliar as discussões acerca

do ser professor, reveladas durante a entrevista, tomando por base suas histórias de vida profissional.

Para o tratamento e análise dos dados coletados utilizamos a análise de conteúdo baseada em Bardin (2002), do tipo categorial por temática, a qual se efetiva por meio de desmembramento de texto em unidades e categorias para posterior reagrupamento analítico.

Nosso lócus de investigação foram seis escolas que compõem a Regional 2 - Cavaleiro da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes-PE. A opção se deve ao fato de ter sido campo de atuação profissional e uma rede pesquisada com pouca frequência pelo PPGE¹ da UFPE. As características das escolas são as seguintes: a maioria das escolas oferece as séries iniciais do ensino fundamental nos turnos manhã e tarde; cinco funcionam em residências adaptadas, com salas de aula pequenas e pouco ventiladas; na sua maioria os segmentos direção, secretaria, sala de professores e coordenação dividem um único espaço; apenas uma dessas seis escolas possui estrutura relativamente grande e a única com quadra de esportes, oferece o ensino fundamental e EJA nos três turnos; estão inseridas em comunidades de baixo nível sócio econômico que enfrentam sérios problemas de infra-estrutura.

Participaram do estudo vinte professoras² que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com faixa etária predominante entre os 30 e 40 anos. Todas com formação superior. Com tempo de atuação oscilando entre 06 e 35 anos.

Resultados

Neste artigo analisamos os dados das entrevistas. Dos depoimentos das professoras emergiram três grandes categorias que nos ajudaram a desvelar o fenômeno investigado: ‘elementos relacionados ao significado do ser professor’; ‘elementos associados ao exercício da profissão’ e ‘elementos associados aos desafios da profissão’. Lembrando que essas categorias compõem um todo estruturado, isto é, não foram discutidas de forma isolada, mas numa perspectiva integradora, visto serem interdependentes.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação

² As professoras foram assim identificadas: P (professora) seguido de nome fictício a fim de preservar suas identidades.

Os discursos nos revelaram os aspectos contraditórios que permeiam a profissão e a prática docente. A maioria das professoras evidenciou representações do ‘ser professor’ centradas numa dimensão vocacional, [...] *ser professor é ter dedicação, a vocação e amor pelo que faz... Tudo que você faz com amor é mais fácil conseguir superar as dificuldades que são muitas nessa profissão.* (P Márcia). Como a representação não é estática, elementos como dedicação, compromisso, amor e doação também vão surgindo e compondo essa representação por parte de algumas professoras.

Essa representação atrelada à vocação se fez presente no discurso de 13 das 20 professoras entrevistadas. Ao compararmos as referências do grupo entrevistado associando o ser professor a vocação, com base na variável faixa etária e tempo de atuação profissional, percebemos que as professoras que representaram o ser professor associado a essa dimensão encontram-se predominantemente entre 31 a 53 anos, com mais de 10 anos de atuação na profissão e aquelas que afirmaram sua vocação pela profissão desde a infância.

As professoras admitem assumir funções ligadas a maternagem e consideram que esses fatores acabam afetando sua identidade profissional. As falas seguintes ilustram esse sentimento: [...] *temos que parar a aula constantemente para fazer o papel de pai ou mãe, e ainda tem aqueles que nem com os pais convivem. É uma tia, é uma avó que cuida... É muito sério nosso papel...* (P Marlene); [...] *a gente tem tanta função... A gente tá fazendo tanta coisa que não é do professor, que termina deixando de lado o ensino... Eu digo que o que eu menos faço em sala de aula é ensinar!*(P Luzinete). A professora Luzinete expõe também sua preocupação com a aprendizagem dos alunos ao afirmar que, por mais que tenha tido a iniciativa e compromisso em planejar e preparar suas aulas antecipadamente, o que menos faz em sala de aula é ensinar. O cuidar para essa professora necessita estar atrelado a uma dimensão ética, o que se faz em sala de aula não poderia ser interpretado como maternagem, caso contrário estaria contribuindo para descaracterização da docência como profissão.

Enguita (1991) compreende que a vocação, como uma das categorias do profissionalismo docente, diz respeito à dedicação e abnegação ao apostolado, estando associada à ideia de fé. Brzezinski (2002), ao contrário, de Enguita (1991) defende que a “vocação é um conceito socialmente construído, que se consolida na preparação profissional mediante a formação inicial e continuada” (p.16). Estudos como o de

Alves-Mazzotti (2007) e de Shimizu e col. (2008) também sinalizaram a vocação como sendo um elemento bastante presente na representação social do ser professor.

O significado do ser professor também está relacionado ao trato direto com os alunos em sala referindo-se a este como: mediador de conhecimentos, profissional que, estabelecendo laços afetivos com o grupo, colabora para o desenvolvimento da sociedade por meio de sua função: [...] *ser professor pra mim é ser mediador... Atuar como mediador, porque o aluno em si já tem o conhecimento, nós vamos atuar como mediador para potencializar esses conhecimentos que ele possui... (P Talita); [...] É poder ajudar na formação das crianças, fazer elas se tornarem cidadãos de bem... Tornar elas pessoas capazes de pensar diferente. (P Izaura).*

Embora nas entrevistas as professoras tenham evidenciado a vocação como um dos fortes elementos da representação do ser docente, os desafios a serem enfrentados na profissão ganham destaque sendo apresentados como aqueles que estariam contribuindo para a desvalorização da profissão: falta de reconhecimento da profissão aliado aos baixos salários; o tempo, no que diz respeito aos vários vínculos assumidos que, por sua vez, interferem na falta de tempo para planejamento; a autonomia e relações de poder e precariedade nas condições de trabalho. Sobre essa questão as professoras revelam:

[...] ser professor antes era mais valorizado, hoje em dia não é não... Professor antigamente era muito valorizado, hoje em dia é quase uma profissão qualquer... Não tem mais aquele... Como é que eu posso dizer... Respeito, admiração, não tem mais essas coisas não foi tudo por água abaixo... (P Cleide)

[...] a gente tem um trabalho tão importante, tão bonito! A gente reconhece essa falta de valorização também através de nosso salário, poderíamos ter um salário melhor para não termos tantos vínculos no dia-a-dia... Ter apenas um vínculo... Se tivéssemos um salário justo pelo que fazemos, um vínculo era suficiente! (P Márcia)

[...] É uma profissão que é imprescindível pra sociedade, mas que hoje em dia está bastante desvalorizada (P Guiomar).

Dos depoimentos, depreendemos que a essa representação de profissão, está arraigada a um sentimento de desvalorização que reporta aos elementos mais ligados a dimensão profissional das professoras, provocando algumas defasagens em relação ao sentido do 'ser docente'. Ao serem indagadas sobre a questão da desvalorização, as professoras reiteram a falta de respeito e de reconhecimento social. Provavelmente esse sentimento estaria contribuindo para que algumas professoras demonstrem um comportamento desanimador frente à profissão.

Podemos, portanto, depreender que a representação social do ser professor é construída a partir das informações/ conhecimentos que chegam às professoras durante seus processos de formação (inicial / continuada) e de suas experiências práticas no contexto escolar.

Considerações finais

Nossos resultados evidenciaram que o sentido atribuído pelas professoras ao exercício e à própria profissão é complexo e permeado por diferentes elementos de suas subjetividades, reações e expectativas dos outros para com o seu trabalho. As representações sociais do ser professor têm um caráter multidimensional. Dessa forma, podemos afirmar que as professoras organizam o sentido e o significado do ser professor a partir de sua história de vida pessoal, profissional e social.

A vocação tão objetivada na fala das professoras parece se ancorar no feminino, no cuidar e no proteger. Na rede de significações que envolvem o objeto destacam-se os sentidos associados à maternidade. As professoras ao associarem a própria experiência com a necessidade de suprir a falta e a carência da família dos alunos despertam sentimentos maternos. Ao se ancorar na maternidade, a vocação passa a partilhar sentidos que associa o magistério como sacerdócio.

As professoras, portanto, representam a profissão de forma desanimadora e até desencantada. O apelo à vocação marca as representações sociais do ser professor, no entanto, outros elementos como a falta de reconhecimento, enfrentamento de várias jornadas de trabalho, baixos salários, crise de autoridade, entre outros, ganham destaque como elementos que circulam essa representação. A perda de autoridade, desrespeito, violência, indisciplina e agressividade são elencadas pelas professoras como um desafio

constante a ser enfrentado na profissão. Em suma, o professor é um profissional desvalorizado socialmente.

Os resultados da pesquisa constituem um alerta para as políticas públicas de modo que elas procurem resgatar a valorização e reconhecimento social do docente.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Pesquisa em Síntese**. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, out/dez, 2007, p. 579-594.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2002.

BASSO, I. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos Cedes** vol. 19, n. 44, abril, 1997, p. 19-32.

BRZEZINSKI, Í. (Org.). **Profissão Professor: Identidade e Profissionalização Docente**. Brasília: Plano Editora. 2002, p. 7-19.

ENGUITA, M. F. A ambiguidade da docência entre o profissionalismo e a proletarização. **Revista Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 4, 1991, p. 41-61.

ESTEVE, J. M. Mudanças Sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (org.) **Profissão Professor**. Lisboa, Porto Editora. 1995, p. 93-124.

FREITAS, M. B. O brincar em foco: um estudo sobre as representações sociais de professoras que atuam em escolas de educação infantil. **DISSERTAÇÃO** (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

HYPOLITO, A. Trabalho docente e profissionalização: sonho prometido ou sonho negado? In: VEIGA, I.P.A. e CUNHA, M. I. **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 81-100.

JODELET, D. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. Petrópolis. Vozes, 2001, p. 17-44.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 7. Edição. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis. Vozes, 2003.

NÓVOA, A. (org.) **Profissão Professor**. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora. 1999.

PAREDES, E. C. Entrevista: anotações para pesquisadores iniciantes. In: MENIN, M. S. de S. e SHIMIZU, A. de M. (orgs.). **Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p.131-156.

POPKEWITZ, T. S. Profissionalização e formação de professores: algumas notas sobre a sua história, ideologia e potencial. In: NÓVOA, A. (Coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora. 1999.

SPINK, M. J. P. **O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da psicologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SHIMIZU, A. e col. **Representações Sociais sobre identidade e trabalho docente: a formação inicial em foco**. In: 31ª Reunião Anual da ANPED, 2008.